

**BARTHES E OS FENÔMENOS DA LITERATURA
NA OBRA RAUL DA FERRUGEM AZUL,
DE ANA MARIA MACHADO**

Marcelo Nascimento Feitosa (UFAC)

marcelovicpvh@hotmail.com

Marcos Neves Fonseca (UFAC)

Marcos.durgo@hotmail.com

Márcia Verônica Ramos de Macêdo (UFAC)

marciavestrela@uol.com.br

RESUMO

O texto literário, segundo Roland Barthes, naturalmente articula saberes que dentro de um todo significativo possibilita ao aluno vivenciar o processo de aprendizagem de forma mais articulada e prática: *mathesis*. A tentativa de representação do real se apresenta como o segundo elemento factual do texto literário. Há um encantamento que liga o homem à demonstração do real. Sobre esse aspecto, a figura humana se aprisiona naquilo que tenta representar, mas almeja imitar: *mimesis*. Ainda, segundo o autor, há a variedade de signos usados na produção de sentido que colabora para a construção do eu significativo do texto literário. A *semiosis*, como fenômeno, extrapola a construção textual e ganha significação na própria experiência de leitor. Esses aspectos do texto literário, consoante Roland Barthes, configuram-se nas forças da literatura. E é a partir da compreensão destas forças que iremos analisar a obra *Raul da Ferrugem Azul*. Com frequência, a literatura infantojuvenil sofre preconceito e depreciação, de leigos que se intitulam críticos e, até mesmo, de escritores renomados pelo cânone da literatura tradicional, por ser classificada como uma categoria que abrange meras "historinhas para crianças". Na contramão de qualquer pensamento que a menospreze, a obra de Ana Maria Machado explora com maestria não só as forças da literatura, mas também do encantamento.

Palavras-chave: Linguagem. Poder. Literatura. *Mathesis*. *Mimesis*. *Semiosis*.

1. Introdução

Com frequência, a literatura infanto-juvenil sofre preconceito e depreciação, de leigos que se intitulam críticos e, até mesmo, de escritores renomados pelo cânone da literatura tradicional, por ser classificada como uma categoria que abrange meras "historinhas para crianças". Na contramão de qualquer pensamento que menospreze as obras infanto-juvenis, *Raul da Ferrugem Azul* foi escrito por Ana Maria Machado em 1979, no período que compreendeu a ditadura militar brasileira. As 62 páginas foram divididas em 8 capítulos nos quais o narrador conta a história de Raul, um menino que um dia ao perceber que sua pele está sendo

coberta por manchinhas azuis entra em desespero.

2. Resumo da obra

As primeiras manchas começaram a aparecer no braço de Raul logo após uma briga que ele presenciou entre dois meninos na hora do recreio. Márcio, um tipo “valentão” que costumava praticar ofensas contra as crianças da escola, estraga os óculos de Guilherme e se recusa a pedir desculpas. Raul assistindo à cena se vê tomado por uma forte raiva e sente desejo de bater em Márcio para defender o amigo. Contudo, decide resignar-se e acaba acumulando em seu interior toda a raiva que sentiu e que não conseguiu manifestar.

A seguir, Raul tentou, sem sucesso, retirar as manchas azuis com todos os produtos de limpeza que encontrou em casa, chegando a passar um dia inteiro no sol por ter pensando que se tratava de um bolor. Mais tarde, ele fez seu próprio diagnóstico: era ferrugem, sim, ferrugem azul. A esta altura, a ferrugem começara a se espalhar pelo corpo dele progressivamente. Certo dia, Raul voltava do futebol com os amigos e viu um homem estourar os balões coloridos de um menino que trabalhava como ambulante. Raul, naquele momento, sentiu uma forte raiva e até pensou em correr para ajudar o menino, mas não conseguiu sair do lugar, ficando ali imóvel.

Assim, a inércia de Raul diante das situações que lhe causavam indignação ocasionou o aumento da ferrugem azul pelo corpo dele. Esta ferrugem aparece na garganta de Raul quando ele ouve, completamente calado, os comentários bastantes racistas de alguns amigos seus que se referiam aos negros como indivíduos que devem sempre gerar desconfiança e medo nos brancos. Novamente Raul ficou furioso e uma vez mais quis gritar aos amigos que eles estavam errados. E mais uma vez, permaneceu inerte.

Certo dia, conversando com Tita – a empregada doméstica da casa que sempre contava muitas histórias sobre o Preto Velho da Montanha – Raul decide ir até a favela procurar este senhor para que ele o ajude a remover a ferrugem que tomava todo seu corpo. No dia seguinte, ao chegar na favela, Raul observou uma grande confusão. Uma menina muito brava gritava para defender um garotinho que teve sua pipa furtada por garotos maiores do que ele. Raul acompanhou atentamente o discurso da menina e se assustou quando ela disse que não levava desaforo para casa

para não ficar enferrujada. Ao conversar com a “menina briguenta”, descobriu que ela se chamava Estela. Neste momento, Raul acabou conseguindo uma companhia até a casa do Preto Velho.

Crete que seu problema seria resolvido, o menino chega até a casa do Preto Velho e sai de lá muito decepcionado ao ouvir o velho sábio dizer que somente a própria pessoa poderia resolver seu problema de ferrugem e que, por isso, ele, portanto, não poderia ajudá-lo. Ao retornar à sua casa, Raul conversa com Estela sobre a ferrugem dele e logo descobrem que ele não era o único a sofrer com estas manchinhas que estampavam sua pele. Estela, que era tão diferente dele, já havia sido acometida por uma ferrugem amarela.

Ao entardecer, e no caminho de volta para casa, Raul se despede de Estela prometendo pensar em tudo aquilo que haviam conversado sobre a ferrugem.

Na volta para casa, ainda dentro do ônibus, acontece a primeira “aventura de desferrujamento” de Raul. Em uma das paradas, uma senhora que carregava peso acaba demorando a descer os degraus e é desrespeitada pelo motorista que, acelera o veículo e a trata de forma depreciativa. Raul fica bastante irritado com o fato, e, pela primeira vez, manifesta sua indignação ao discutir com o motorista para defender a velha senhora. A ação resultou no desaparecimento imediato da ferrugem que manchava a garganta de Raul. As outras partes do corpo dele continuavam manchadas, mas Raul já não se preocupava como antes. O menino percebera que agora seria uma simples questão de tempo para que o processo de “desferrujamento” se desse por inteiro.

3. *Sobre o livro*

Ao apresentar a história de Raul, a autora expõe também a história de muitos outros meninos, meninas, homens e mulheres que vão se enferrujando cada dia mais por permanecerem apáticos em certas circunstâncias os quais deveriam, ou, pelo menos, poderiam ser de embate e enfrentamento.

A apatia social diante de situações de injustiça é um assunto extremamente pertinente a qualquer ser humano que conviva com as opressões diárias que movimentam as engrenagens de toda e qualquer sociedade. Assim, este livro de Ana Maria Machado não se limita ao público puramente infanto-juvenil, uma vez que configura uma leitura frutífera,

sedutora e cativante para pessoas de diferentes idades.

O livro, ganhador do prêmio de “Melhor do Ano” da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil em 1980, foi rejeitado por oito editoras que temiam represálias da censura militar uma vez que sua temática poderia ser interpretada como uma metáfora do contexto histórico que o país vivia na época. O livro já rendeu, só no Brasil, quarenta edições. O mote que deu origem ao livro partiu de reflexões realizadas por ela quando propôs a elaboração de um manifesto contra o regime militar em que apenas Ziraldo e Millôr Fernandes se mostraram favoráveis. Como podem todos serem considerados entre os maiores jornalistas do país se enferrujaram sua capacidade de reagir?

Outro fato estimulante para a construção da obra foi um episódio presenciado e relatado por seu filho em que alguém era chamado de “nequinho” de forma pejorativa quando aquele voltava para sua casa de ônibus. O sentimento vivenciado pelo personagem Raul traduz o sentimento de milhões de outros brasileiros que viveram sobre a arbitrariedade da ditadura militar brasileira. A indignação reprimida do menino enferrujado pode ser facilmente comparada ao “grito contido” que Chico Buarque de Holanda cantou em “Cálice”, no auge da censura militar. Assim, pode-se dizer que Ana Maria Machado conseguiu, com requintada maestria, unir o universo lúdico e abstrato de uma criança ao concreto universo dos adultos, fazendo de seu livro um clássico cuja temática é atemporal.

4. Sobre a autora

Ana Maria Machado é jornalista, professora, pintora e escritora brasileira. Natural do estado do Rio de Janeiro, nascida em 24 de dezembro de 1941, vivenciou na pele a opressão do regime militar brasileiro. Formada em Letras pela Universidade do Brasil, Ana Maria Machado lecionou na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ).

Como jornalista, trabalhou por mais de dez anos na Rádio Jornal do Brasil. Foi uma das fundadoras, em 1980, da primeira livraria infantil no Brasil, a *Malasartes* (no Rio de Janeiro), que existe até hoje. Nessa década ela publicou mais de quarenta livros, e em 1981 recebeu o *Prêmio Casa de las Américas* com o livro *De Olho nas penas*.

É uma das principais responsáveis pelo lugar de destaque que hoje é ocupado pela literatura infantil e juvenil brasileira. Teve uma participa-

ção essencial nessa conquista. Em mais de 30 anos de dedicação, ela tem criado personagens marcantes, enredos fascinantes, sempre primando pela inovação da linguagem e mantendo alto grau de qualidade literária e artística em suas produções textuais.

Seguidora do legado de Monteiro Lobato, construiu em sua trajetória uma vasta obra que extrapola o mundo infanto-juvenil e adentra no mundo acadêmico e na mídia especializada, proporcionado matéria-prima para dissertações de mestrado, teses de doutorado, reportagens e prêmios de reconhecimento em todo o planeta.

O reconhecimento mundial das obras de Ana Maria Machado aconteceu em 2000, quando recebeu o Prêmio Hans Christian Andersen, o mais importante prêmio de literatura infantil. No mesmo ano foi agraciada com a Ordem do Mérito Cultural. Foi ganhadora do Prêmio Jabuti de Literatura em 1978.

5. *Linguagem, poder e a artimanha da literatura*

A discussão ora proposta está amparada nos argumentos elaborados pelo pensador francês Roland Barthes (1915-1980), em sua obra *AULA* (2007), quando assumiu a cadeira de semiologia literária, no Collège de France, em 1977, constituindo-se sua aula inaugural.

Considere-se, primeiramente, nesta discussão o aspecto diretamente ligado ao ofício docente no que tange sua prática e até mesmo seu papel formador. É notório que esta prática se efetiva em um ambiente institucionalizado, implicando, com isso, que esta prática opera dentro de um espaço de poder, sendo, portanto, parte constituinte do mesmo, seja reproduzindo-o ou combatendo-o. Neste sentido, a atividade docente estará sujeita a um saber determinado e, inevitavelmente, a uma forma de poder também determinado, como bem esclarece Roland Barthes

De uma forma ou de outra, o docente se sujeita a um determinado saber que, inevitavelmente, se liga a uma determinada forma de poder, oscilando de forma dramática "entre as pressões da demanda tecnocrática e o desejo revolucionário". (BARTHES, 2007, p. 10)

Dentre as diversas formas de o professor manifestar esta sujeição ao poder, uma delas diz respeito ao discurso, seja, ao se apropriar da palavra, conforme dito anteriormente, para reproduzi-lo ou combatê-lo. A questão seguinte é entender como este discurso é construído visando denunciar, combater este poder ao qual estaria submetido, quando, para Ro-

land Barthes, “o poder [...] aí está, emboscado em todo e qualquer discurso, mesmo quando este parte de um lugar fora do poder”. (BARTHES, 2007, p. 10) E uma vez que, por hipótese, o poder denunciado der vez ao poder denunciante, este estará livre “de todo desejo de agarrar”? (*Idem, ibidem*)

Esta visão equivocada de poder uno é desbancada por Roland Barthes quando este questiona: e se o poder fosse plural, como os demônios? (BARTHES, 2007, p. 11). Em resposta, ele admite a existência de um poder onipresente disfarçado em todas as esferas da vida social. Para ele, os imperceptíveis braços do poder atuam

não somente no Estado, nas classes, nos grupos, mas ainda nas modas, nas opiniões correntes, nos espetáculos, nos jogos, nos esportes, nas informações, nas relações familiares e privadas, e até mesmo nos impulsos liberadores que tentam contestá-lo. (BARTHES, 2007, p. 11)

Em função do precípuo papel formador espera-se que, inocentemente, os docentes e os demais intelectuais estabeleçam um enfrentamento contra o Poder, em tempo que, verdadeiramente, o embate seja compreendido contra os poderes. A ação imposta não se constitui tarefa fácil, justamente porque os poderes sem apresentam multifacetados e o lócus de suas manifestações perpetuam-nos no tempo histórico, “expulso, extenuado aqui, ele reaparece ali; nunca perece; façam uma revolução para destruí-lo, ele vai imediatamente reviver, regerminar no novo estado de coisas”. (BARTHES, 2007, p. 12)

Muito se questiona sobre como os poderes se estendem no tempo e no espaço e, por conseguinte, como eles reaparecem ganhando uma nova materialidade, uma nova roupagem. Qual seria o princípio que os institui e os mantém? Para esta indagação, Roland Barthes é taxativo ao afirmar que o seu objeto é a linguagem – ou, para ser mais preciso, sua expressão obrigatória: a língua.

Roland Barthes nos convence do aparente absurdo presente na afirmação anterior, ao dizer que “não vemos o poder que reside na língua, porque esquecemos que toda língua é uma classificação, e que toda classificação é opressiva”. Ele encontra respaldo no pensamento do linguísta Roman Jakobson (1896-1982) quando este afirma que “um idioma se define menos pelo que ele permite dizer, do que por aquilo que ele obriga a dizer” (BARTHES, 2007, p. 12). Outrossim, as regras constitutivas da língua portuguesa em seus aspectos sintáticos e semânticos nos submete a uma prática alienante, tornando-nos submissos, irremediavelmente, a estrutura da língua. Logo, “a língua, como desempenho de toda

linguagem, não é reacionária, nem progressista; ela é simplesmente fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer” (BARTHES, 2007, p. 14). Neste sentido, exatamente quando fazemos uso da linguagem, em seu mais íntimo uso, nos submetemos ao poder a que determinada língua serve.

Conforme Roland Barthes, os desavisados usuários da língua se submetem a dois preceitos básicos: O primeiro, diz respeito à necessidade de termos de nos comunicar acaba impondo determinadas modalidades linguísticas que podem ditar o tom de nossa performance comunicativa. No segundo, os signos, visando a representação comunicativa, devem ser conhecidos e reconhecidos, para isso se faz uso interlocução como elemento de repetição constante e perene da linguagem, por meio do código linguístico, tornando-a padrão, modelo que valoriza os que a bem utilizam e discriminando os que a ela não se submetem, “Na língua, portanto, servidão e poder se confundem inelutavelmente”. (BARTHES, 2007, p. 15)

Diante deste fato imposto à existência humana pela língua/linguagem, como reagir em busca de uma possibilidade de escapar desta condição? Roland Barthes apontava o caminho ao admitir que “Se chamamos de liberdade não só a potência de se subtrair ao poder, mas também e sobretudo de não submeter ninguém, não pode haver liberdade senão fora da linguagem” (BARTHES, 2007, p. 15). Paradoxalmente, como pensar em liberdade contra algo que não se pode combater, visto que se trata de uma *conditio sine qua non*? Roland Barthes concorda claramente com isso, quando diz: “Infelizmente, a linguagem humana não tem exterior: é um lugar fechado”. (BARTHES, 2007, p. 15)

Pois como escapar do *locus* inescapável do poder – a língua/linguagem – senão a partir dele próprio. Tal possibilidade só poderá acontecer senão de uma maneira sutil, por vezes capciosa, onde a própria linguagem passa a ser enganada, ludibriada, por fim, trapaceada! Eis que surge, nas palavras de Roland Barthes, a esperança de salvação ao poder imposto pela linguagem: “Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: *literatura*”. (BARTHES, 2007, p. 16)

Todavia, enfim, o que é literatura na ótica de Roland Barthes? Para ele, muito mais do que um conjunto de obras ou disciplina historicamente construída para identificação de traços humanos, esse termo tem

uma característica mais específica, mais profunda, trata-se do “grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever” (BARTHES, 2007, p. 16). Esta prática, ele denominará *de texto*, nada mais é que o “tecido dos significantes que constitui a obra” (BARTHES, 2007, p. 16). A atenção que Roland Barthes dá ao texto vem do fato dele o tomar como o verdadeiro manifestar da língua, tornando-se, portanto, o ambiente propício para se travar o duelo contra o poder nela manifesto, posto que “é no próprio interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro” (BARTHES, 2007, p. 16). Independente da postura político-partidária do sujeito, tampouco do aspecto dogmático possivelmente existente em sua obra, o referido autor deseja evidenciar o poder de escape presente na literatura, que se processa por meio de um *deslocamento* que o escritor efetua sobre a língua. A preocupação de Roland Barthes gira em torno da forma como o texto literário se organiza, na busca por escapar ao controle da própria língua, ou como bem dizia “constituindo-se, assim, num avesso do poder, ou, o que também é verdadeiro, no desvelamento do poder desde seu avesso.

Este deslocamento que pode operar sobre a língua, a partir da configuração da forma que se concretiza no texto literário, constitui, consoante Roland Barthes, as forças da literatura: a *Mathesis*, a *Mimesis* e a *Semiosis*. É a partir da compreensão destas forças que iremos analisar a obra Raul da ferrugem azul, de Ana Maria Machado.

6. A *mathesis* literária

O termo grego *mathesis* ou *ta mathema* é a expressão do conhecimento completo, perfeito e inteiramente dominado pela inteligência (CHAUÍ, 1996, p. 77). Esta definição se aproxima do sentido admitido por René Descartes (1560-1596) que o define como “o *bom método* é aquele que permite conhecer verdadeiramente o maior número de coisas com o menor número de regras” (CHAUÍ, 1996, p. 77). Guardadas as devidas proporções, Roland Barthes afirma que “A literatura assume muitos saberes” (BARTHES, 2007, p. 17) e para ele, se, por alguma inexplicável razão, todas as disciplinas tivessem que ser extintas do ensino, om a exceção de uma só, esta deveria ser a literatura, “pois todas as ciências estão presentes no monumento literário” (BARTHES, 2007, p. 17).

Tal como a pedra de Bolonha, metaforicamente citada pelo referido semiólogo, presenciemos nos parágrafos iniciais da obra *Raul da Ferrugem Azul* os comentários do personagem Raul

– E gente enferruja?

Raul nem estava conseguindo dormir, de tanto pensar e repensar. Mil perguntas na cabeça.

- Será que é bolor? Pode ser... É meio azulado. Parece mais ferrugem.

Estava assim, pensando e pensando, desde a hora do recreio na escola, quando descobriu as manchas azuis no braço. [...]

A cabeça dele ainda estava muito ocupada com o pensamento da briga e com a raiva. Da briga que nem houve. Mas que bem que devia ter havido. (MACHADO, 2009, p. 9)

Ao que nos parece, esta passagem da obra, ainda que seja fragmento da narrativa ficcional, é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real (BARTHES, 2007, p. 17-18). É a realidade não realizada, mas, sobretudo, desejada pela autora que, no posfácio, justifica os elementos que motivaram a elaboração da belíssima obra

[...] o Brasil vivia na ditadura. Eu era jornalista e fui convidada junto com outros colegas para uma reunião com o Cardeal do Rio. Nesse tempo, não tínhamos liberdade de reunião. Achei que aquela era uma oportunidade única para protestarmos contra a censura e podíamos fazer um documento coletivo a respeito. [...] Para minha total surpresa, com exceção de Ziraldo e Millôr Fernandes, nenhum dos presentes topou reclamar. E eu fiquei pensando: como podem todos serem considerados entre os maiores jornalistas do país se enferrujaram sua capacidade de reagir? (MACHADO, 2009)

Estes pensamentos da autora são “o que se aprovisionou durante o dia” (BARTHES, 2007, p. 18) para “irradiar durante a noite, iluminando o novo dia que chega” (BARTHES, 2007, p. 18) presente na respectiva obra infanto-juvenil. É, portanto, na literatura que a realidade se autentica, iluminando a opacidade do mundo e a nossa própria existência. Se nossas vozes não podem ser ouvidas pela linguagem cotidiana, sufocadas por um poder instituído, procuramos ampliá-las pelo viés do arranjo literário. Por isso, o saber da literatura não é enciclopédico. Pois como quer Roland Barthes, a literatura põe os saberes em movimento, sem fixá-los em conceitos predefinidos ou tampouco fetichizá-los como se fosse uma fórmula para os diversos males da natureza humana.

Sendo assim, o lugar dos saberes da literatura não se processa de modo óbvio, mas por uma via indireta, carente de fundamental interpretação. Ela não procura revelar saberes exatos, mas sugerir possíveis sabe-

res. Este tratamento surreal da realidade adotado pela literatura gera pavor na ciência que evita esta ousadia, porque “A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura importa”. (BARTHES, 2007, p. 18)

A literatura não estaria preocupada em estabelecer conhecimentos completos, pois ela aponta caminhos sobre a condição humana, mais do que possa indicar certezas claras sobre esta mesma condição, “a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe *de* alguma coisa; ou melhor; que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens”. (BARTHES, 2012, p. 18)

Neste sentido, encontramos várias passagens na obra de Ana Maria Machado que confirmam essa preocupação em levantar questões relacionadas a condição humana e suas implicações para o próprio desenvolvimento da narrativa, tais como

– E a gente enferruja?

Raul nem estava conseguindo dormir, de tanto pensar e repensar. Mil Perguntas na cabeça (p. 9. Incertezas, dúvidas)

Disse isso como sempre dizia. Meio baixo para o professor não ouvir, meio alto para os colegas ouvirem. Raul já sabia o que vinha depois. As risadinhas dos outros. Os olhares debochados (p. 10. Humilhação)

E a raiva dentro dele. (p. 10 indignação)

Nem ao menos podia bater no Márcio um dia. (p. 10 Incapacidade de agir)

Que outra área do conhecimento seria capaz de melhor representar a condição humana, senão a literatura, sem apontar definições ou conceitos hermeticamente fechados em si mesmos? Nos trechos acima podemos observar a própria instabilidade emocional do personagem Raul diante da realidade vivida, que ele passa a (con)viver, com dúvidas e incertezas que o consomem. A própria narrativa é movimentada por essas características do personagem. Nos parágrafos seguintes, é possível perceber diversas sensações e sentimentos humanos implícitos nas falas tanto do narrador quanto do próprio personagem

Uma coisa que Raul não entendia era pra que essa implicância. Sabia que o pessoal gostava dele. Até que eram amigos. Só que ele não era de se meter em brigas e mesmo quando não gostava de alguma coisa que os outros faziam, não dizia nada. (MACHADO, 2009, p. 10. Apatia social)

Não chateava os outros. Não entregava ninguém. Não desobedecia. Não dava resposta malcriada. Não gritava com ninguém. Todo mundo sabia que ele era um menino bonzinho e comportado.

Só não sabiam é da raiva dentro dele. Nem das perguntas gritando na cabeça. (MACHADO, 2009, p. 11, revolta e incertezas).

Indubitavelmente, ficam latentes às capacidades deste texto em mergulhar nas questões humanas, provocando um saber que só pode ser proporcionado pela literatura, mediante o jogo de palavras de que ela é composta e apresentando-se para o leitor como uma representação teatral, que, ladeado pelo prazer frutivo, exige uma ininterrupta interpretação e uma contínua reflexão,

Porque ela encena a linguagem, em vez de simplesmente, utilizá-la, a literatura engrena o saber no rolamento da reflexividade infinita: através da escrita, o saber reflete incessantemente sobre o saber, segundo um discurso que não é mais epistemológico, mas dramático. (BARTHES, 2007, p. 19)

Levando-se em conta esta última citação, adentramos na segunda força da literatura sugerida pelo pensador, denominada *mimésis*, justificada pela existência paradoxal do seu objeto de representação sendo a própria realidade, que seria impossivelmente atingível, representável.

O reforço desse paradoxo está em justamente tentar alcançar o inalcançável, pois na impossibilidade de constituição dessa tarefa, se forma o fazer literário. Sendo assim, esse jogo representativo trabalha com a perspectiva de representar o real na incapacidade de representá-lo.

Na obra em análise, essa segunda força da literatura se corporifica por meio das seguintes passagens

Na esquina, perto de casa, a turma batia papo. Raul deu uma paradinha. Bem a tempo de ouvir Alexandre contando o fim de uma história de tentativa de assalto, correria, perseguição, um bando de pivetes... (MACHADO, 2009, p. 27)

Outro dia eu estava indo para a casa de minha avó e quando saltei do ônibus vi um crioulinho mal-encarado, parado na esquina. Fiquei logo de olho nele... (MACHADO, 2009, p. 27)

Os trechos acima exemplificam a segunda força da literatura sugerida por Roland Barthes, na medida que é uma tentativa de representar cenas cotidianas com suas nuances de realidade, tais como práticas corriqueiras de andar pelas ruas, conversar com amigos, assaltos, violência urbana, discriminações e preconceitos. Essa força da literatura, ainda que não tenha pretensão de ser o real, ao menos tenta representá-lo na arte li-

terária, apesar de, consoante Roland Barthes, não ser possível realizar tal façanha.

Nessa impossibilidade literária, abre-se espaço para a terceira força da literatura, denominada *semiosis*, que na visão barthesiana, constitui o próprio jogo teatral formado pela linguagem e seu deslocamento dos discursos prontos, protótipos e alienados. Esse encaminhamento, nos leva a conceber uma nova ótica de sujeito, a partir da leitura literária, da reprodução dos discursos de poder e suas esferas relacionais construtoras da força discursiva e mantenedora desse estado de coisas.

Esse pensamento barthesiano materializa-se logo no título de abertura do terceiro capítulo da obra de Ana Maria Machado, a saber “Raiva engolida, garganta atingida”. Evidencia-se, de antemão, o discurso sufocado, censurado, repressivo que está posto neste pensamento. Discurso de poder, de subjugação a que estão submetidos os personagens dessa obra, principal Raul. A criança que brinca ao longo da narrativa, sente-se submetida a forças implícitas e pressupostas pelas falas, mas sobretudo, pelas ações das personagens.

Vários são os trechos da obra de Ana Maria Machado que desmascaram a ordem social imposta e instalada no cotidiano da narrativa, mas também revelam o desejo de libertação, ambas delineadas pelos discursos dos personagens, senão vejamos: “Os neguinhos todos parados... preto no escuro... um crioulinho mal-encarado... Por que ninguém falava em branco no claro?” (MACHADO, 2009, p. 28)

Como visto acima, vários discursos de poder representados pelo poder do discurso, conforme caracterizado por outro fragmento denotando vontade de transformação da ordem imposta, sugerida no trecho abaixo

Já vinha com a raiva daquele papo da turma, com a dor de sua covardia engolida, e ainda ia ter que aturar essas desgraçadas dessas mancinhas? Até dentro da boca, na língua, na garganta? Coisa nenhuma! Desta vez, ia dar um jeito nelas. (MACHADO, 2009, p. 29)

Notadamente, percebe-se o vigor literário à luz das forças da literatura de Roland Barthes nessa inestimável obra de ilustre autora. Ademais, evidencia-se a Indubitavelmente, essa obra nos possibilita entender como a forma discursiva pode contribuir para oprimir ou liberta o conhecimento ou a cultura de uma sociedade.

7. Considerações finais

O presente artigo teve por objetivo analisar a obra Raul da Ferrugem Azul, de Ana Maria Machado, à luz das forças da literatura sugeridas por Roland Barthes em sua obra intitulada: Aula. Buscou-se compreender aquela obra literária no contexto da *mathesis*, *mimesis* e *semiosis* preceituadas na aula inaugural de Roland Barthes, proferida no Collège de France, a 7 de janeiro de 1977, no assento da cadeira de semiologia literária.

Ao longo dessa análise, restou comprovado que as forças da literatura marcam as obras literárias tornando-as robustas e vigorosas, além de proporcionar o reconhecimento do fazer literário como algo que extrapola os limites da arte e se insere nas discussões linguísticas, políticas e sociais, por assim dizer.

Buscava-se, sobretudo, comprovar que a literatura infantojuvenil sempre teve e terá seu lugar de destaque no cenário literário brasileiro, desmistificando ideias preconcebidas de que se trata de uma literatura menor.

Espera-se, portanto, que essa reflexão possibilite novos estudos acerca do valor da literatura infantil para o contexto educacional brasileiro visando reservar o espaço digno que ela sempre cunhou na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. *Novos ensaios críticos seguidos de O grau zero da escritura*. São Paulo: Cultrix, 1984.

_____. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1984.

_____. *Leçon*. Paris: Seuil, 1978.

BOURDIEU, Pierre. *Lição da aula*. São Paulo: Ática, 1988.

MACHADO, Ana Maria. *Raul da Ferrugem Azul*. São Paulo: Richmond Educação, 2009.

_____. Ana Maria Machado, biografia. 2012. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ana_Maria_Machado>.